

MÉTODOS EM MORFOLOGIA HISTÓRICA PORTUGUESA¹

VIARO, Mário Eduardo (Org.). *Morfologia Histórica*.
São Paulo: Cortez Editora, 2014.

Raphael Michels Fantinato de Moura (UFRR)

A obra **Morfologia Histórica** apresenta pesquisas de estudiosos da Morfologia, conforme uma visão diacrônica, e objetiva preencher uma lacuna dentre os estudos morfológicos, especificamente os de caráter histórico-comparativo, já que é pouco o número de obras atuais que tratem da referida área e do ponto de vista histórico.

Seu organizador é Mário Viaro, professor doutor da Universidade de São Paulo (USP), onde coordena o Grupo de Morfologia Histórica do Português (GMHP), criado em 2005. O GMHP se dedica aos estudos diacrônicos de flexão, derivação e composição da Língua Portuguesa; é interdisciplinar e se vincula à linha de pesquisa Estudos Diacrônicos e Sincrônicos do Português, da Área de Filologia e Língua Portuguesa, do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas (DLCV) da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH) da USP².

O livro se divide em treze capítulos, cada um assinado por um pesquisador diferente, nos quais se apresentam suas ideias e conclusões em

1. Resenha elaborada na disciplina Discurso: Leitura e Produção de Textos e Hipertextos, no semestre 2014.2, do curso de Letras da Universidade Federal de Roraima (UFRR), ministrada pelo professor Eliabe Procópio.

2. Informações disponíveis em <<<http://www.usp.br/gmhp>>>

relação ao estudo diacrônico de um determinado sufixo; ao final, dispõe-se de um breve currículo de cada autor.

O capítulo 1, *Em busca de um método de investigação para os fenômenos diacrônicos*, serve como introdução para o conteúdo abordado na obra e descrição dos processos metodológicos utilizados pelo Grupo. Como os autores explicam, não havia, ainda, um estudo diacrônico relacionado à formação de algumas palavras da Língua Portuguesa, especialmente quanto à origem e às mudanças semânticas sofridas pelos sufixos. Com o objetivo de esclarecer algumas dessas dúvidas em relação à evolução morfológica dos sufixos, os integrantes do GMHP realizaram um extenso estudo por meio de uma lista de perguntas para cada vocábulo, a partir das quais se tornou possível compreender questões como: a origem do sufixo da palavra estudada, o processo de transmissão desse sufixo para outros vocábulos e línguas e, entre outras questões, o grau de certeza acerca de sua transparência

No capítulo 2, Graça Maria Rio-Torto, referência recorrente na obra em questão, trata dos *Desafios da Morfologia: história e (re)conhecimento*, na qual ela discorre acerca do léxico da Língua Portuguesa e da relação de conhecimento existente entre os falantes do idioma e as palavras de étimo [+/-erudito] e [+/-opaco], sendo uma palavra considerada erudita conforme sua origem mais ou menos greco-latina; e opaca de acordo com a transparência do significado de sua base. Em um primeiro momento, a autora se utiliza de exemplos para mostrar a diferença entre palavras mais ou menos eruditas, como: *vinicultura-vinhedo* e *vítreo-vidrado*. Em seguida, Rio-Torto fala da competência gramatical inerente a cada falante da língua, que tem a noção de que algumas estruturas, como *implorão*, não são aceitáveis; e a capacidade de reconhecimento de palavras chamadas 'complexas', pois possuem base com sentido não tão facilmente identificável, como, por exemplo, *pianista* (menos complexa) e *teclista* (mais complexa). Essa

competência é um processo histórico já determinado sobre as unidades que utilizamos para nos comunicar.

No capítulo 3, *Derivação ou terminação: limites para a semântica, lexicologia e morfologia históricas*, Mário Viaro, Michael Ferreira e Zwinglio Guimarães discorrem a respeito do sufixo *-Vngo* (sendo V uma vogal qualquer), apresentando um estudo diacrônico acerca desse(s) sufixo(s). Os autores nos mostram a frequência de uso de 769 palavras terminadas em *-Vngo*, selecionadas para estudo. Das possíveis combinações vocálicas desse sufixo, os autores selecionaram *-engo(a/s)*, de origem germânica e que já apresenta registros em documentos do século X.

Inicialmente, o sufixo se associava às mais diversas palavras, dando origem a novas que representavam cores (*verdoengo*), doenças (*malazengo*, *adoentado*); no caso de *bordalengo*, associada à cidade de Bordéus, ou *vigilengo*, habitante da cidade de Vigia, entre outros. Posteriormente, o sufixo ganhou um valor mais pejorativo, e apareceu em variados assuntos, como: *bengo* – lugar mal frequentado; *bangalafumenga* – indivíduo insignificante e inútil; *quenga* – prostituta; *estrovenga* – coisa complicada ou esquisita, pênis. Como os autores explicam, “muitas vezes, a pejoração advém do significado da palavra e não do sufixo: *monstrengo* ou *mostrengo* – ser monstruoso, indivíduo muito feio”. Em seguida, é feita uma explanação a respeito da evolução diacrônica do sufixo *-Vngo*, iniciado com outras vogais.

O capítulo 4, *Estudo comparativo do sufixo -aria/-eria nas línguas ibero-românicas do Noroeste Peninsular*, de Valéria Gil Condé, reflete os estudos feitos pela autora em relação aos sufixos *-aria/-eria*, mostrando suas origens, a prolificidade, a forma mais usual na România, entre outros. De acordo com Said Ali (2001), o sufixo *-aria* teria surgido da junção de *-ia* ao sufixo *-eiro*, como em *cavaleiro-cavalaria*, *roupeiro-rouparia*. Já Väänänen (2003) “acusa sua origem a partir do feminino ou do neutro plural de *-arius*”. A teórica utiliza gráficos para ilustrar o uso do sufixo *-ária*, que cronologicamente sofreu uma decaída a partir do século XVIII; enquanto

o sufixo *-eria* se manteve pouco utilizado desde do século X. Para finalizar, Condé apresenta paráfrases para explicar o significado do sufixo *-(e/a)ria*.

O capítulo 5, *O sufixo -ada em português: aspectos semânticos e diacrônicos*, de Martin Becker, apresenta um estudo da evolução do sufixo *-ada* na Língua Portuguesa. Becker inicia sua discussão explicando o funcionamento dos sufixos e seus derivados, mostrando que o sufixo *-ada* é responsável pela criação de substantivos femininos. Passa a explicar construções com o sufixo em questão, que, de acordo com a *Gramática do Português Contemporâneo*, de Celso Cunha, divide-se em 7 grupos: multidão ou coleção (*papelada*); porção contida num objeto (*colherada*); marca feita com instrumento (*pincelada*); ferimento ou golpe (*facada*); ato ou movimento energético (*cartada*); produto alimentar, bebida (*laranjada*); e duração prolongada (*invernada*). Porém, o uso de *-ada* vai além dessas divisões, que não explicam seu funcionamento por completo.

Em seguida, exemplifica seus estudos diacrônicos acerca desse sufixo, apresentando detalhes das várias funções que *-ada* exerceu no decorrer do tempo, até o século XX; e organiza em dois grandes grupos: o das palavras sufixadas em *-ada*, que exercem ação + efeito de (*frear, cochilar, cutucar* etc.), e o das palavras que representam golpes (por exemplo, *bazucada, joelhada*).

No capítulo 6, *O sufixo latino -dō e grego -δών: Origem e desenvolvimento*, Daniel Kölligan propõe uma explicação para ambos os sufixos. Considerando que o Grego (e o Latim) é a língua objeto do estudo e que seu conhecimento é menos difundido do que as outras utilizadas exemplificadas na obra, este capítulo poderá exigir um pouco mais de atenção do leitor.

Kölligan discorre acerca da evolução sofrida pelos sufixos em questão, focando na terminação grega *-δών*, em Homero, e seus derivados, surgidos na época pós-homérica. Divide o significado das palavras com essa terminação em três grandes grupos, sendo estes: “a) formas derivadas

que indicam sons, b) enfermidades ou fraqueza e c) palavras que não se inserem nestes grupos” (KÖLLIGAN, 2014, p. 158).

No capítulo 7, *Algumas características do sufixo -ista*, a autora, Nilsa Areán-García, discorre a respeito do sufixo *-ista*, proveniente do grego $-\iota\sigma\tau\eta\varsigma$ e utilizado por diversas línguas românicas. Para Said Ali (1930), o sufixo, junto a determinados nomes, cria palavras que “designam pessoas com ocupação relacionada ao objeto que serve como base da derivação”, ou seja, nomes de agentes profissionais ou ocupacionais (AREÁN-GARCÍA, 2014, p. 194). Porém, como a pesquisadora explica, esse sufixo é mais utilizado para a construção do nome de profissionais bem qualificados, dado sua origem culta, por exemplo, especialistas em determinada área. Miranda (1980) diz que “as atividades de maior prestígio seriam designadas por agentivos em *-ista*; enquanto os ofícios de menor prestígio ou marginalizados seriam expressos por agentivos em *-eiro*”, exemplo, *projetista* e *borracheiro*, respectivamente.

No capítulo 8, *A origem do sufixo -ismo: da língua grega à latina e desta à portuguesa*, Vanderlei Gianastacio realiza um estudo acerca do sufixo *-ismo*, grego de origem passou para a Língua Latina e desta para a Portuguesa. Suas primeiras aparições em Latim designavam nomes de religiões, *iudaismus* ou *paganismus*.

De acordo com Gianastacio, “tanto o sufixo *-ismo* como o *-ista* foram bem utilizados no latim medieval, para designar sistemas doutrinários e seus seguidores: *sabbatismus*, *legalista*”. As palavras criadas com os sufixos *-ismo* e *-ista* tiveram grande aumento a partir do século XVIII. As palavras do *corpus* da pesquisa foram divididas em grupos que as definem de acordo com o significado de sua base e a função que passa a exercer após a adição do sufixo *-ismo*.

O capítulo 9, *O sufixo -mento sob uma perspectiva diacrônica*, de Érica Santos Soares de Freitas, aborda o desenvolvimento do sufixo, mostrando a origem da junção dos sufixos *-to*, indo-europeu, e o *-men*, latino.

Tendo como *corpus* o Dicionário Houaiss, a autora demonstra que a maioria das palavras da Língua Portuguesa, formadas com esse sufixo, possui uma base verbal. Após fazer esse levantamento, a autora apresenta várias tabelas e gráficos que representam a quantidade de palavras terminadas com o sufixo *-mento* e sua distribuição ao longo dos séculos; especificamente, desde o século X, quando é registrada sua primeira ocorrência.

No capítulo 10, *Origem e análise semântica dos sufixos -agem, -igem, -ugem, -ádego, -ádigo e -ádiga*, Anielle Aparecida Gomes Gonçalves demonstra que os sufixos também possuem significado próprio, e não somente as bases das palavras. O objetivo da pesquisa é “tecer uma genealogia semântica dos sufixos em questão”. Para isso, Gonçalves os divide em vários grupos de acordo com o sentido de sua paráfrase.

Por exemplo, há os sufixos que formam substantivos e adjetivos denominais relacionais (REL), que pode ser parafraseado como “relativo à X” (sendo X um nome qualquer). Dentro dessa categoria, encontram-se outras subclasses que delimitam mais o significado dos sufixos em questão, como a subclasse tipicidade (TIP), parafraseável por: ‘que é próprio/característico de X’; ou a subclasse atividade: ‘atividade/filosofia associada à X’ (GONÇALVES, 2014, p. 266). A autora ainda aborda a origem de vocábulos formados por esses sufixos nas Línguas Portuguesa, Francesa, Espanhola, Italiana, Inglesa, Latina, Árabe, Catalão e Provençal.

No capítulo 11, *Estudo semântico-histórico do sufixo -udo*, Alice Pereira Santos realiza um estudo diacrônico do sufixo *-udo*, proveniente do morfema latino *-utus*, responsável pela formação do particípio passado de verbos de segunda conjugação (SANTOS, 2014, p. 283). Poucas são as palavras no português que continuaram com essa função. Por meio da paráfrase das palavras levantadas para o estudo, foi possível dividi-las em quatro grupos: a) ‘nomina agentis’: no qual estão as paráfrases que representam alguma ação (pessoa que V X, sendo V um verbo e X um nome); b) ‘posse’: maior grupo, possui paráfrases que denotam traços avaliativos, de

intensidade e de grandeza (tem X, tem X grande); c) ‘semelhança’: como o próprio nome já diz, as paráfrases representam semelhança (semelhante a X, lembra a forma de X); e d) ‘nomina essendi’: que apresenta traços avaliativos (positivo, negativo) e de intensidade (SANTOS, 2014, p. 292). Ao lado disso, a teórica demonstra, por meio de gráficos, a ocorrência de palavras com o sufixo ao longo dos séculos IX ao XX.

O capítulo 12, *O surgimento de -ntia e sua disseminação nas línguas neolatinas*, de Andréa Lacotiz, discute uma questão similar ao anterior, acerca do particípio de alguns verbos formados pelo sufixo *-ntia*, que corresponde aos sufixos portugueses *-ança/-ença*, *-ância/-ência*. De acordo com Yakov Malkiel (1940), as formações em *-entia* sempre foram mais abundantes que as em *-antia*, desde o seu surgimento na Língua Latina. Apresentam-se registros de aparecimento do sufixo em diferentes línguas, como o Provençal, o Romeno, o Francês. Em seguida, explica a divisão em classes semânticas de acordo com as ocorrências do sufixo e as suas formações. Por meio do levantamento histórico das palavras com terminações em *-ança/-ença*, *-ância/-ência*, Lacotiz afirma que: “no português, consideram-se populares as formas *-ança/-ença* e eruditas ou semieruditas as formas *-ância/-ência*. Na língua corrente, os vocábulos com a terminação *-ança* e *-ência* são mais numerosos em relação a *-ância* e *-ença*”.

No último capítulo, tratam-se das *Mudanças semânticas no sufixo -ada*, sufixo que já abordado no capítulo 5, porém, com outra perspectiva. Neste, Mônica Yuriko Takahashi apresenta um panorama geral do sufixo *-ada*, percorrendo a cerca da sua produtividade, isto é, sua capacidade de formação de novas palavras. Não existe um padrão para a formação com esse sufixo, principalmente relacionado à acepção de ‘golpe’. Por exemplo, quando se consulta o Dicionário Houaiss, a palavra *pedrada* aparece e *tijolada* não, porém, ambas as palavras possuem formação parecida (base nominal + *-ada*).

Como a autora explica, *-ada* possui grande capacidade de produção de novas palavras, já que pode ser formada simplesmente pela junção do sufixo com uma base nominal ou verbal. Takahashi também apresenta algumas paráfrases que classificam as palavras sufixadas em *-ada* em diferentes grupos, como, por exemplo, relacionados à ideia de coletividade (*papelada*), golpe (*facada*), medida (*colherada*), entre outros.

Na última seção, apresenta-se uma biografia profissional de todos os autores.

A importância da obra está na temática – morfologia histórica – e no rigoroso tratamento metodológico aplicados nas respectivas pesquisas.

O objetivo dos autores não é somente interpretar o significado das palavras ou realizar um estudo da estrutura, mas, sobretudo, compreender a estrutura e o funcionamento dos sufixos; e isso executado por meio de pesquisa diacrônica que abrange vários períodos do Latim e do Português.

Se o leitor possui conhecimentos de Morfologia, Linguística Histórica ou Filologia, a compreensão se torna mais fácil, já que este manual se direciona a pesquisadores das referidas áreas, sejam de graduação e pós-graduação.